

Religião nas capitais de *ciuitates* da Gália Romana: documentação arqueológica e teorias sociais

Tatiana Bina*

BINA, T. Religião nas capitais de *ciuitates* da Gália Romana: documentação arqueológica e teorias sociais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 145-150, 2011.

Resumo: Este artigo pretende discutir interpretações teóricas contemporâneas para as situações de domínio populacional, ansiando por uma reflexão arqueológica-histórica, a partir da configuração dos estudos sobre a Roma Imperial e suas províncias, em particular, o universo religioso das capitais de *ciuitates* e colônias da Gália Romana. Assim, apresentamos nosso doutorado que se propõe a traçar um quadro sistemático das evidências materiais de cultos e rituais a divindades nas *urbs* galo-romanas.

Palavras-chave: Arqueologia histórica – Romanização – Gália Romana.

Pretendemos nessa exposição apresentar o nosso projeto de doutorado e seus primeiros questionamentos, cujo tema é o papel político-religioso das capitais das *ciuitates* na Gália Romana entre os séculos I e III d.C. Almejamos estabelecer um quadro dos cultos religiosos, levando em consideração discussões como “romanização” a religiosidade no mundo antigo e as práticas imperiais de conquista e dominação. Com os nossos estudos esperamos ser capazes de contribuir para a compreensão desse fenômeno político-cultural que foi a conquista romana e as mudanças decorrentes dele. É dentro desse âmbito que queremos discutir nossa pesquisa: essencialmente arqueológico-histórica em um contexto de conquista, com todas as questões específicas a uma conjuntura particular como esta, mas não exclusivas das pesquisas relativas ao Império Romano.

Antes de qualquer coisa é preciso definir o que significa ser romano e, a partir daí, o que seria a romanização. Tanto para a bibliografia inglesa, de maneira mais enérgica, quanto francesa, o termo “romanização” passou por revisões nos últimos anos – reflexo, sem dúvida, das discussões no campo da antropologia sobre o termo “aculturação”. cujo uso se tornou bastante problemático –, como bem diz Laurance Tranoy (2010: 110): “a ‘romanização’ como processo cultural unívoco não existe mais. Por outro lado, existem mutações, mestiçagens, romanizações, que os arqueólogos e historiadores analisam se abrindo a outras ciências sociais”

A partir das novas reflexões sobre identidade, aculturação e mecanismos de controle social, surgiu a teoria de que teriam existido “negociações” a conquista não seria um processo homogêneo, mas teria ocorrido a partir de continuidades, rupturas e resistências. Na Arqueologia essa idéia se traduziu na compreensão de que os objetos podem ser vistos, usados e

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia-USP. Doutoranda em arqueologia, bolsista CAPES <tatiana.bina@gmail.com>

pensados de diversas maneiras, dependendo de quem os faz. Essa abordagem – em oposição ao culturalismo histórico/à abordagem histórico-culturalista, que identificava estilos e formas a grupos culturais – estaria mais ligada à arqueologia pós-processualista, que busca resgatar o indivíduo e seus aspectos cognitivos. Porém, a comprovação dessa abordagem requer um contexto arqueológico claro, onde seja possível assegurar diferentes significações e usos de objetos no passado e que, preferencialmente, não ocorram em casos únicos, mas ligados a aspectos identitários recorrentes, cujas características também precisam ser bem atribuídas, dentro de toda a problemática de tentar formatar identidades para o passado.

Se por um lado a revisão do conceito “romanização” é uma conquista, já que o aprofundamento da discussão sobre o termo possivelmente impedirá análises ingênuas, admitindo a complexidade das situações de conquista, por outro se configurou como um novo desafio na atualidade para os pesquisadores da Antiguidade – conhecedores das teorias sociais e filosóficas em voga – que herdaram uma culpa pós-colonial das nações européias (Mellino 2008), configurando narrativas acerca do passado em que a ideia de uma mudança cultural efetivada a partir de “negociações” esconderia a desigualdade e a imposição cultural operada sobremaneira por um grupo populacional sobre outro, efetuado de diversas maneiras. Muitos autores admitem a complexidade do que seria esse processo de negociação mas, ainda assim, o risco neste caso é ir de um extremo a outro, substituindo “romanização”, enquanto aculturação, por uma relação que mais parece de “co-existência democrática” dentro de uma perspectiva anacrônica contemporânea. Para o uso parcimonioso dessa teoria é necessário que delimitemos bem os casos em que acontecem essas negociações e quais os tipos que existem e se efetuam em uma dada circunstância.

Entre inúmeros estudos de caso muito bem feitos, a teoria das “negociações” está ameaçada a nunca formatar uma explicação precisa de como ocorreu o processo de transformação social, exatamente porque “cada caso é um caso” Por outro lado – especificamente dentro dos estudos ligados a Roma –, como voltarmos a admitir a importância, por exemplo, da

belicosidade romana, da sua máquina de guerra e do poderio militar que andavam junto com outras formas de “convencimento” dos cidadãos provinciais a participarem e colaborarem com o mundo romano, sem que para isso precisemos voltar para teorias antiquadas?

Existiria uma maneira de reconhecer a relação entre centro e periferia, com as imposições de poder, mas também com resistências e convivências, sem precisarmos pender para um lado ou para o outro, ao sabor das modas teórico-políticas, que mais dizem respeito às questões atuais do que aos conceitos e parâmetros organizadores do Mundo Antigo? E, mais do que isso, como manter em mente que além das relações políticas, étnicas e culturais, entre centro e periferia, também devemos levar em conta as relações entre as unidades sob domínio imperial?

As questões propostas acima ainda estão em debate, mas o que está claro hoje é que as sociedades coloniais não eram o que teriam sido antes da conquista, mas também não seriam a reprodução dos seus conquistadores. As sociedades conquistadas, a partir de engrenagens muito complexas, formariam algo diferente do modelo social do conquistador e do autóctone, seu funcionamento, organização e “percurso histórico” só se explicariam a partir da compreensão dos diferentes padrões culturais e de seu funcionamento em conjunto, em uma costura assimétrica. Essas questões teóricas são norteadoras do nosso projeto e hipótese de pesquisa do doutorado. Apresentamos a seguir as particularidades da nossa conjuntura histórica e os métodos que pretendemos aplicar no intuito de compreender melhor a situação da Gália Romana, durante os séculos I a III d.C.

Dando continuidade aos estudos desenvolvidos na pesquisa de Mestrado (Bina 2008), pretendemos trabalhar essencialmente com as capitais de *ciuitates* e colônias. Essa escolha se deve à importância política e institucional desses locais. Os assentamentos urbanos tinham importância política variada de acordo com o status que lhes era atribuído. É sabido que deveria existir uma relação de subordinação entre os de maior e menor status político, assim, entre as capitais de *ciuitates* e colônias, enquanto centros urbanos que deveriam servir como modelo de um modo de vida romana para os *uici* e *pagi*. Os status

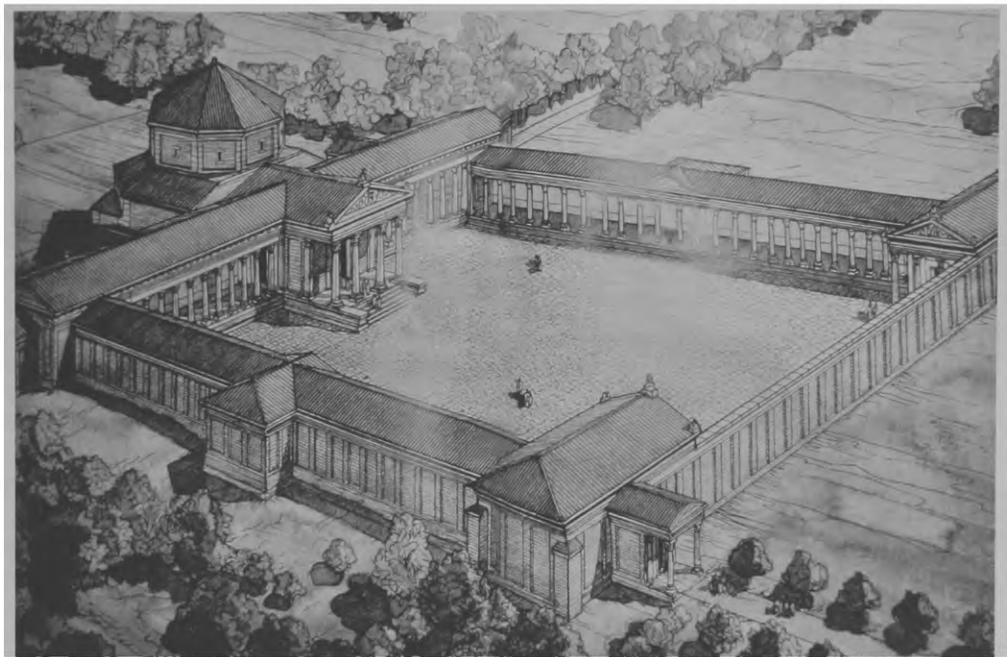


Fig.1. Reconstituição de santuário dedicado provavelmente ao culto imperial em *Fanum Martis* (Corseul). Uma das novas edificações do séc. I d.C. (Coulon, Golvin 2002: 162-163).

políticos eram atribuídos externamente e dependiam de fatores geográficos e políticos, bem mais do que econômicos. Os assentamentos com estruturas urbanas estavam em constante processo de busca pela aprovação romana e seus privilégios políticos e físicos, como a construção de muralhas, por exemplo.

É também relevante ressaltar a própria constituição desses núcleos urbanos a revelar das ocupações territoriais anteriores. Teria existido na Gália, não exclusivamente, uma série de assentamentos, os *oppida* – cuja complexidade do debate não nos permite entrar em pormenores¹ – e que atualmente, a partir principalmente das evidências arqueológicas, são considerados como proto-urbanos. É interessante ressaltar que os romanos, conhecedores destes, às vezes preferiram edificar seus núcleos urbanos em

outros locais. Há inclusive um caso onde houve um incêndio, proposital ou não, de um desses assentamentos: nas proximidades de Corseul o antigo *oppidum* sofreu um incêndio e os habitantes que lá ainda residiam no séc. I d.C. se viram na eminência de mudar-se para a *urbes* (Langouet 1996: 46) (Fig. 1). Impelir a mudança de ocupação de um assentamento era algo que promovia a política de reconfiguração espacial do território. A organização em assentamentos urbanos centralizadores politicamente difere substancialmente da organização política anterior.

As colônias e capitais de *ciuitates* que serão estudadas somam um total de 95 assentamentos com essas características. O status desses locais foi primeiramente estudado para que pudesse ser definido. Em seguida estabelecemos como prioridade os monumentos e edifícios religiosos romanos, gauleses ou galo-romanos e os orientais e asiáticos (Fig 2).

Dentro desse contexto, nossa pesquisa se centra na compreensão da esfera religiosa como resultado das mudanças e sua origem. O pressuposto é fazer uma re-avaliação de afirmações dogmáticas sobre a religiosidade na Gália durante o Período Imperial. Ritos

(1) No Brasil existem dois estudos que abordam a questão dos *oppida*: Tacla 2007 (tese de doutorado) e Santos 2006 (dissertação de mestrado). As publicações francesas concernem, sobretudo, às escavações de Bibracte, Mont-Beuvreay, embora, haja muitos estudos regionais. Uma obra geral mais recente é Fichtl 2005.

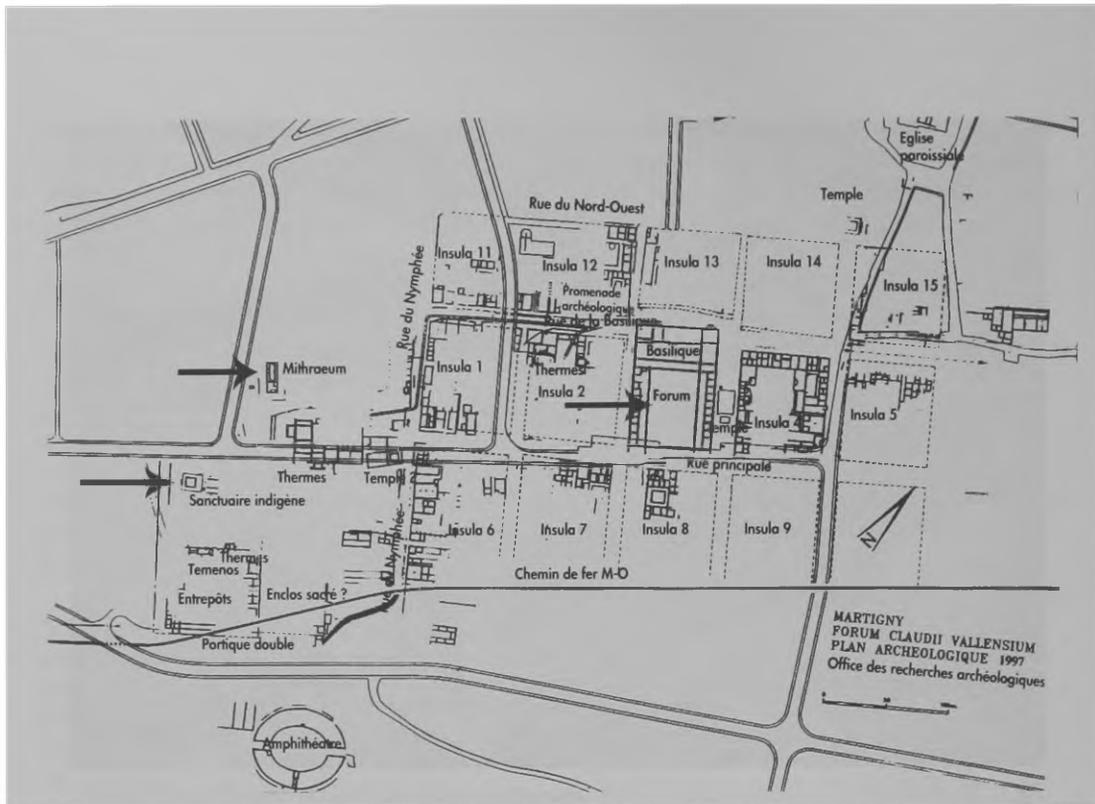


Fig. 2. Os espaços religiosos na Capital de *Ciuitates de Forum Claudii Augusti Valensium* (Martigny) (Wiblé 1998: 78).

e cultos eram parte do cotidiano tanto das populações gaulesas quanto romanas e, portanto, componentes das relações culturais estabelecidas durante a conquista e domínio romano na Gália. As evidências materiais fornecem indícios de como essa sociedade se organizou com relação a padrões culturais diversos que co-existiam no período. Pretendemos discutir, no que tange à religiosidade, qual era o papel desempenhado por esses assentamentos dotados de um status político mais elevado, segundo os critérios institucionais definidos por Roma, onde as tensões deveriam ser maiores, na medida em que uma convivência era necessária.

O projeto formulado se foca nas divindades e nas formas de seus cultos, atestadas por uma diversidade de suportes arqueológicos, tanto estruturas edificadas, como templos, fóruns e outros espaços onde aconteciam os cultos e rituais e os objetos usados ou referentes a esses espaços, como estátuas, ex-votos, altares (Fig. 3), inscrições epigráficas, entre outros. Procuramos mapear o procedimento dos romanos e populações autóctones de convivência desigual e ressaltamos os processos de transformação

cultural e modificação de estruturas que formatavam a existência cotidiana, pontuadas por alterações na paisagem, em especial na configuração urbana, *grosso modo* introduzida pelos romanos.

Como forma de organização do material, que servirá de base para a reflexão sobre os temas propostos, foi criado um banco de dados, objetivando análises comparativas e formulações estatísticas dessas informações, que serão pensadas e discutidas com base na bibliografia referenciada. A elaboração desse tipo de dado permitirá que se tome conhecimento dos nomes das divindades, sua distribuição geográfica, os tipos de suporte mais comuns para o exercício de atividades religiosas e será também possível traçar as relações estabelecidas entre divindades gaulesas, romanas, asiáticas e orientais na Gália no período imperial.

Com a pesquisa que aqui propomos poderemos traçar um quadro mais amplo das crenças na Gália do Alto Império e suas repercussões no cenário político, enfocando também os cultos orientais e asiáticos, como a Cibele e a Mitra, difundidos por todo o Império

Romano, e o culto ao imperador. O culto ao imperador, objeto de interesse recorrente dos estudos sobre as relações culturais e políticas ao longo do Império, é fundamental para entender a propaganda ideológica romana, em suas relações político-ideológicas.

Revell (2009), no livro intitulado *Roman Imperialism and Local Identities*, procura expor esses mecanismos imperiais, como por exemplo, a escolha de “tipos” imagéticos pelos imperadores, que resultariam em um número reduzido de representações, dessa forma reconhecível por todo Império, fixando uma imagem imperial. Aplicando essa e outras reflexões ao nosso estudo, poderemos perceber e explorar as maneiras como essas representações chegavam na Gália Romana.

Nossa proposta de pesquisa de doutorado tenta estabelecer um quadro das divindades cultuadas nas capitais de *ciuitates* galo-romanas, procurando realizar uma análise atenta de seus contextos e as relacionando com a nova configuração política hierárquica do território. As discussões teóricas esboçadas na primeira parte da nossa comunicação nos acompanharão pelos próximos anos de pesquisa e serão vistas em contraste com os dados que o documento arqueológico fornecer. Desta forma, esperamos compreender qual o papel político da religiosidade na Gália Romana.



Fig. 3. Altar representando *Nantosuelta* e *Sucellus*, deuses gauleses, ainda cultuados no período imperial (Museu de Metz) (Fauduet 1993: 13)

BINA, T. Religion in *Ciuitates* capitals of Roman Gaul: archaeological documentation and social theories. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 145-150, 2011.

Abstract: This article intends to discuss contemporary theoretical interpretations for the situations of group domination, longing for historical-archaeology reflexion, through the configuration of Imperial Roman studies and their provinces, especially the religious universe of the *ciuitates* capitals and colonies in Roman Gaul. Thus, we present our doctorate that proposes to trace a systematic picture on the material evidence of the cults and rituals to divinities in Gallo-Roman *urbs*.

Keywords: Historical archaeology – Romanization – Roman Gaul.

Referências bibliográficas

- BINA, T.
2008 Os fana no contexto galo-romano. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia São Paulo-USP.
- COULON, G.; GOLVIN, J.-C.
2002 *Voyage en Gaule romaine*. Paris: Éditions Errance.
- FAUDUET, I.
1993 *Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums*. Paris: Éditions Errance.
- FICHTL, S.
2005 *La ville celtique : les «oppida» de 150 av. J.-C. à 15 ap. J.-C.* Paris: Errance.
- LANGOUET, L.
1996 La Cité d'Alet: de l'agglomération gauloise à l'île de Saint-Malo. *Les dossier du Centre Regional d'Archéologie d'Alet*. Suppl. S., Éditeur Centre Regional d'Archéologie d'Alet.
- MELLINO M.
2008 *La crítica poscolonial: descolonización, capitalismo y cosmopolitismo en los studios poscoloniais*. Buenos Aires: Paidós.
- SANTOS, I.D.
2006 A Basílica como elemento de urbanização na *Gallia Comata* no período de dominação romana. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- TACLA, A.B.
2007 Sacred sites and power in West Hallstatt chiefdoms the cases of Bourges, Vix, Châtillon-sur-Glâne and Hochdorf. Tese de doutorado. Oxford University, Oxford (validada pela USP).
- TRANOY, L.
2010 L'invention d'une administration politique et religieuse. In: Ouzoulias, P.; Tranoy, L. (Eds.) *Comment les Gaules devinrent romaines*. Paris, Éditions La Découverte: 109-124.
- REVELL, L.
2009 *Roman Imperialism and Local Identities*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WIBLÉ, F.
1998 *Forum Claudii Vallensium, les faubourgs de la ville romaine*. *Dossiers d'Archéologie*, 237: 76-83.